

TANATOPRAXIA SOB A ÓTICA DA FAMÍLIA ENLUTADA

CINTRA, José Carlos¹
KIEL, Greicy²

RESUMO:

Essa pesquisa objetivou compreender o que significa para a família enlutada a realização da tanatopraxia para o cerimonial fúnebre. O estudo constituiu-se de uma pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevista aberta, gravada, com doze pessoas, familiares que utilizaram o serviço de tanatopraxia. Os participantes foram inquiridos com a seguinte questão norteadora: "O que significou o preparo do corpo do seu ente querido?", a qual foi formulada de acordo com o objetivo. Após a análise os dados foram agrupados conforme repetição dos conteúdos encontrado nos discursos, resultando nas unidades temáticas: "Prorrogando a 'vida' do falecido" e "Preservando a imagem do ente". Evidenciamos que, quando as famílias decidem-se por realizar tal prática, vislumbram o desejo de conservação do corpo da pessoa por mais tempo, para que o velório seja realizado com tranqüilidade e quando no caso de algum acometimento físico traumático, vislumbram obter uma imagem muito próxima do que o ente era em vida, realizando a tanatopraxia com o intuito de prestar uma última homenagem ao falecido.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Ritual fúnebre. Tanatopraxia.

PERSPECTIVE OF BEREAVED FAMILY ABOUT TANATOPRAXIA

ABSTRACT:

This research objected to understand what it means for the realization of the bereaved family about tanatopraxia for the ceremonial funeral. The study consisted of a qualitative research conducted through open interviews, recorded, with twelve people, families who used the service. Participants were asked the following question: "What he meant to prepare the body of your loved one?", Which was formulated according to the goal. After analyzing the data were grouped according to repetition of the contents found in the speeches, resulting in thematic units: "extended" life "of the deceased" and "preserving the image of the entity." When families decide to undertake such a practice, the desire to envision keeping the person's body any longer, so that the funeral be conducted with ease and when in the case of some traumatic physical impairment, perceived image to get a very close to what the entity was in life, doing the tanatopraxia in order to pay their last respects to the deceased.

KEYWORDS: Death. Burial ritual. Tanatopraxia.

1 INTRODUÇÃO

Assim como o nascer, a morte faz parte do processo de vida do ser humano, é algo extremamente natural do ponto de vista biológico. Entretanto, o ser humano caracteriza-se também e, principalmente, pelos aspectos simbólicos, ou seja, pelo significado ou pelos valores que ele imprime às coisas (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

Ao pensar na morte, seja a simples idéia da própria morte ou a expectativa mais do que certa de morrer um dia, seja a idéia estimulada pela morte de um ente querido ou mesmo de alguém desconhecido, o ser humano maduro normalmente é tomado por sentimentos e reflexões (BALLONE, 2002).

Nesse sentido Polato (2009, p.1) diz que:

Não existe nenhuma pessoa no planeta que não tenha passado pela experiência da perda de um ente querido. É uma experiência profundamente dolorosa, mesmo quando a pessoa está adoecida há tempos e a morte é "esperada" porque já se tentou de tudo ou porque seja portadora de uma patologia fatal. Ainda assim, a morte nunca é esperada, ou melhor, é, porém, com esperanças de que seja postergada ou até, que aconteça uma espécie de milagre e evite o ciclo natural evidente no fato.

Segundo a ciência, morrer é deixar de existir. Quando o corpo acometido por uma patologia ou acidente qualquer tem a falência de seus órgãos vitais, tendo uma parada progressiva de toda atividade do organismo, podendo ser de uma forma súbita ou lenta (MOREIRA e LISBOA, 2006).

Bretas, Oliveira e Yamaguti (2006), contudo, destacam que a morte não é somente um fato biológico, mas um processo construído socialmente, que não se distingue das outras dimensões do universo das relações sociais, ela está presente em nosso cotidiano, independente de suas causas ou formas.

Nesse sentido, o impacto da morte produz emoções complexas, às vezes até aparentemente contraditórias e em geral, diferentes de cultura para cultura, ou seja, apesar de evidências de similitudes, nos diferentes contextos sociais, as performances e rituais de morte variam de acordo, como as concepções sobre o mundo, a vida e a morte.

Do mesmo modo, difere o tratamento dado aos cadáveres, sendo mais comuns rituais em que cadáveres são enterrados ou queimados com ou sem sacrifícios (nomeadamente de animais); outros são conservados embalsamados ou defumados; outros ainda são deixados apodrecer (MELO, 2008).

Independente do tratamento dado ao cadáver, os ritos fúnebres são marcados por cerimônias que têm por objetivo reunir parentes e familiares em torno de uma pessoa em comum, os quais manifestam a tristeza pela perda de

¹ Biólogo pela Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: cintraa@bol.com.br

² Mestre em Microbiologia. Docente da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: greicy@fag.edu.br

um ente querido. Além disso, a morte representa o último rito de passagem da existência humana, sendo assim, o cerimonial se constitui na passagem do morto do mundo dos vivos para o mundo dos mortos (BAYARD, 1996).

A tanatopraxia é uma ciência pouco discutida na atualidade. Considerando que os rituais variam a cada cultura, e que os mesmos se modificam ao longo do tempo, este estudo objetivou compreender o que significa para a família enlutada a realização de tal processo para o cerimonial fúnebre.

2 METODOLOGIA

O estudo constituiu-se de uma pesquisa de caráter qualitativo realizada por meio de entrevista aberta com familiares que utilizaram o serviço de tanatopraxia junto à Tanato – Serviço de Tanatopraxia e Recomposição Cadavérica de Cascavel Ltda, mediante consentimento do responsável pela empresa, no ano de 2010.

Antes de iniciar o trabalho junto aos sujeitos participantes, o projeto foi encaminhado ao CEP – Comitê de Ética em Pesquisa, da Faculdade Assis Gurgacz, em cumprimento a Resolução 196/96, sendo aprovado sob protocolo nº 192/2010.

Os dados foram coletados nos domicílios dos participantes, após um primeiro contato por telefone, onde se fez a apresentação da proposta do estudo.

Participaram da pesquisa doze pessoas, que tiveram morte de familiares no ano de 2010, que utilizaram a tanatopraxia, residentes em Cascavel – Paraná, que concordaram em participar e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Os participantes da pesquisa foram inquiridos com a seguinte questão norteadora: **“O que significou o preparo do corpo do seu ente querido”**, a qual foi formulada de acordo com o objetivo da pesquisa.

Os discursos foram gravados por meio de gravador digital e posteriormente transcritos em sua íntegra.

Na sequência realizou-se a classificação e organização das informações obtidas, considerando o objetivo da pesquisa. Esta análise seguiu os passos descritos por Bardin (*apud* Gil 1994) e deu-se em três momentos:

- a) Pré-análise;
- b) Estabelecimento das relações existentes entre os dados coletados;
- c) Tratamento e interpretação dos dados coletados.

Segundo Bardin *apud* Gil (1994 p. 163-164), as fases acima são definidas como:

A pré-análise é a fase de organização. Inicia-se geralmente com os primeiros contatos com os documentos (leitura flutuante). A seguir, procede-se à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A exploração do material constitui, geralmente, uma fase longa e fastidiosa que tem como objetivo administrar sistematicamente as decisões tomadas na pré-análise. Refere-se fundamentalmente às tarefas de codificação, envolvendo: o recorte (escolha das unidades), a enumeração (escolha das regras de contagem) e a classificação (escolha de categoria). O tratamento dos dados, a inferência e a interpretação, por fim objetivam tornar os dados válidos e significativos...

Os dados foram agrupados conforme repetição dos conteúdos encontrado nos discursos, resultando em duas unidades temáticas e posteriormente realizou-se a interpretação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa etapa da construção da pesquisa, foram analisadas as temáticas para as quais foram utilizados referenciais teóricos com o intuito de enriquecer o estudo e para preservarmos o anonimato dos sujeitos optou-se por identificá-los por nome de flores.

Na análise das falas emergiram duas unidades temáticas: **“prorrogando a ‘vida’ do falecido”** e **“preservando a imagem do ente”**.

Escolhemos nomear essa temática como **“prorrogando a ‘vida’ do falecido”**, uma vez que o ato de preparar o corpo refere-se estritamente a uma necessidade de manter o falecido o maior tempo possível no meio dos vivos, conforme ficou evidenciado na fala de Jasmim: “...quando ele foi pra casa mortuária isso já era meio-dia então a gente resolveu fazer o preparo no corpo por que já tava vencendo o prazo dele ser sepultado daí a gente optou pra fazer...o preparo do corpo por que senão não daria tempo... ia começar a vazar e como a gente queria que ele ficasse mais tempo daí a gente optou pra fazer o preparo do corpo”.

Para entendermos o processo biológico da decomposição humana após a morte é oportuno citar Scheve (2008, p.1) que explica:

Três horas após a morte, começa o rigor mortis, que é o endurecimento dos músculos. Após 12 horas, o corpo esfria e dentro de 24 horas (dependendo da gordura corporal e das temperaturas externas) perde todo o calor interno em um processo chamado *algor mortis*. Depois de 36 horas, o tecido corporal começa a perder sua rigidez e, dentro de 72 horas, a rigidez cadavérica diminui. Conforme as células morrem, as bactérias dentro do corpo

começam a desintegrá-lo. Enzimas no pâncreas fazem com que o órgão se dissolva sozinho. O corpo logo assume uma aparência horrível e começa a cheirar mal. Tecidos em decomposição liberam uma substância esverdeada e gases como metano e sulfeto de hidrogênio. Os pulmões expõem um fluido pela boca e pelo nariz.

O horror da decomposição do cadáver suscita rituais para amenizá-lo, desde a pré-história, período em que foram inventadas algumas práticas que visavam apressar o processo de decomposição mediante a cremação e canibalismo, evitá-la mediante o embalsamamento ou ainda afastá-lo do convívio com os vivos através do sepultamento. Se essa presença pútrida do morto, sempre foi sentida e contagiosa, muitas das práticas funerárias e pós-funerárias visam proteger os vivos do espectro maléfico ligado ao cadáver (BELATTO e CARVALHO, 2005).

Essa temática também foi percebida no relato de Narciso quando o mesmo fala: “A preparação foi feita pra conservar um pouco mais o corpo...tinha uns parentes pra chegar de longe e pra poder dar um pouco mais de tranquilidade durante o velório”, ou ainda naquelas afirmadas por Magnólia “...devido o corpo estar com vazamentos com cheiro...com cheiro forte foi lacrado o caixão... e porque os filhos ‘tavam’ vindo ‘pro’ velório...ia ficar constrangedor eles virem no velório e não se despedir da mãe...da mãe deles e daí depois que foi feito o serviço foi tudo a contento deu pra velar normalmente a minha tia...”.

Nesse sentido, Naletto e Oliveira (2006) colocam que: os rituais fúnebres aproximam a família da dor da perda, também favorecem uma segurança psicológica aos enlutados, na medida em que dão um direcionamento ao processo de luto, validando locais e momentos para a dor e o pesar.

Ainda podemos observar que as falas de Hortência e Tulipa, também corroboraram com a temática acima as quais foram citadas respectivamente:

- “Bom, como ela faleceu aqui em X e o corpo iria ser transportado pra Y, nós resolvemos fazer pra garantir... pra que o corpo chegasse bem lá e que se mantivesse bem durante todo o velório...”

- “Bom a preparação foi boa porque a gente não tava na cidade e tinha mais parente também pra chegar de viagem e nós precisávamos que o corpo dela aguentasse mais tempo sem... dar problema durante o velório e pra não dar mau cheiro...”

Além do sentido prático de organizar o ritual fúnebre, a tanatopraxia manifesta o desejo dos familiares de manter o morto por mais tempo, entre os vivos, o que é revelado especialmente na preocupação desses em obter maior tempo junto ao morto, retardar o processo de decomposição e consequentemente o enterro.

O ritual fúnebre tem como propósito dar um sentido à morte, sendo um acontecimento particular, favorecendo a aproximação e a intimidade entre os membros da família e sua rede de relações, tornando o velório um evento público, minimizando a sensação de isolamento dos parentes e enfatizando que a impossibilidade de realizá-lo poderá predispor à família a não assimilação adequada da perda (TAVARES, 2005).

Frente a isso Rezende et al (1996) enfatizam que os rituais fúnebres tem a função de marcar e facilitar o momento em que acontece a separação dos vivos e dos mortos, pois quando um dos familiares não tem a oportunidade de participar desses rituais, geralmente há maior dificuldade em aceitar o fato, lamentando-se durante muito tempo, pela sua ausência na cerimônia de despedida do ente querido.

Ainda com relação aos discursos apresentados acima Bayard (1996, p.13) diz que:

Os ritos de retenção do morto (tempo antes do enterro) – cuidados dispensados ao corpo, velório...todos esses ritos têm como efeito retardar a separação. Os ritos de retenção do morto procedem do desejo de atenuar o traumatismo da perda, portanto, de poupar os parentes aflitos. Além disso, os cuidados dispensados ao cadáver dão a imagem enaltecida da morte, imagem muito próxima da vida, no caso de nossas técnicas modernas. Isso nos tranquiliza quanto à eventualidade de nossa própria morte.

A segunda temática revelada foi “**preservando a imagem do ente**”; tal fato se evidencia nas falas de Cravo e Estrelícia, “...a gente optou por fazer este serviço porque é o último contato que você tem, e você quer ter a melhor aparência possível do seu ente querido...”

- “...porque antes você via assim...bem desconfigurado ...e realmente o trabalho que foi feito foi quase para configurar o rosto e ver que era a pessoa mesma que tava no caixão”

- e também no discurso de Dália “...eu queria ter aquela imagem dele arrumado,...uma última imagem boa dele, a visão dele no caixão arrumado... pra mim proporcionou o que...uma imagem boa ... uma coisa serena ele tava com um semblante assim bem sereno... a gente queria... um caixão adequado, uma roupa adequada e depois aquela visão dele bem, não a visão cadavérica que quando sai do hospital que tá assim caquético, cadavérico, manchado, então para as pessoas lembrarem dele com uma fisionomia boa...”

Para Naletto e Oliveira (2006, p.1):

As cerimônias e os rituais do velório e sepultamento, mesmo sofrendo variações de cultura, religião ou costumes familiares, são uma maneira de compartilhar a passagem da vida para a morte, de socializar a dor e iniciar um longo e doloroso processo de desvinculação para os familiares – conhecido como luto. Neste sentido, é o funeral que dispara o início deste processo, marcando concretamente esses acontecimentos, além de propiciar oportunidade para as últimas homenagens ao morto.

Ainda nesse sentido, Louzette e Gatti (2007) afirmam que a morte considerada como perda nos mostra em primeiro lugar um vínculo que se rompe, de maneira irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nessa representação de morte há o envolvimento de dois sujeitos: um que é ‘perdido’ e outro que lamenta essa falta, um pedaço de si que se foi. O outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças.

É oportuno ressaltar que, em todas as sociedades, desde os primórdios até os dias de hoje, o ser humano sempre teve, efetivamente, dois tipos de morte: uma biológica, que representa o fim do organismo humano, e uma morte social, que representa o fim da identidade social do indivíduo. Essa última se dá através de um processo que compreende as cerimônias, incluindo aí o funeral, no qual a sociedade oficializa e ritualiza a despedida dos seus e reafirma sua continuidade sem ele (BELATTO e CARVALHO, 2005).

Considerando que a morte de um ente querido é um momento tão doloroso e marcante, é oportuno salientar que os familiares também tentam preservar a imagem do ente através “embelezamento” do corpo, conforme observamos na fala de Azaléa “No seu A. foi mais por estética por que ele tinha problema de câncer e tava muito magro... foi feito um tratamento... uma preparação pra ficar uma aparência mais natural como ele era” e no relato de Hortência “...e também pela questão estética como ele passou vários dias internado...já tava com bastante barba e coisa assim então a aparência ficou bem melhor...”

A beleza do cadáver foi – e ainda é – muito importante. Inicialmente, indicava a morte do Justo [...]. Uma face tranqüila e bela era considerada uma prova de que a alma se encontrava em paz, no reino dos céus. Entretanto, posteriormente essa beleza torna-se “um aspecto banal, mais reconfortante, da morte do ser amado. Quantas vezes, ainda hoje, os visitantes, quando ainda os há, murmuram com admiração diante do morto exposto: ‘Dir-se-ia que dorme (ARIÈS, 1981, p. 341).

Essa última lembrança da imagem do ente querido morto, apresentando uma aparência de serenidade, poderá servir de conforto aos familiares e amigos pois segundo Ariès (2003, p. 269), “...hoje, as técnicas químicas de conservação servem para fazer esquecer o morto e criar a ilusão do vivo”.

Então a fisionomia no caixão, aparentando estar dormindo e descansando confere à morte um aspecto positivo, sendo a bela imagem do defunto uma espécie de triunfo sobre todo tipo de sofrimento e agonia que ele possa ter suportado nos momentos anteriores a essa passagem.

Segundo Morin *apud* Belatto e Carvalho (2005, p. 100):

A morte sempre suscitou emoções que se socializaram em práticas fúnebres, e o não-abandono dos mortos implica uma crença na sua sobrevivência, não existindo praticamente qualquer grupo, por muito ‘primitivo’ que seja, que abandone os seus mortos ou que os abandone sem ritos. Esses ritos trazem a imagem de ‘passagem’ para um outro estágio, sempre como metáfora de prolongamento da vida, seja ela através de um sono, uma viagem, um nascimento, uma doença, seja através de uma entrada para a morada dos antepassados. Projeta-se, assim, a vida para um tempo indefinido, mas não necessariamente eterno.

O ato de morrer, além de um fenômeno biológico natural, apresenta intimamente uma dimensão simbólica, relacionada tanto à psicologia como às ciências sociais. Enquanto tal, a morte apresenta-se como um fenômeno impregnado de valores e significados dependentes do contexto sócio-cultural e histórico em que se manifesta (COMBINATO e QUEIROZ, 2006).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa trajetória, evidencia-se, que apesar de todas as mudanças que as civilizações atravessam ao longo dos tempos, a morte, admitida como única certeza que temos na vida, é sentida como um acontecimento triste, que representa a finalização de um ciclo, e os rituais fúnebres ainda permeiam as sociedades, independentemente da cultura.

Considerando que a tanatopraxia é uma forma de preparo do corpo para o velório, nesse estudo constatou-se que é realizada pelos familiares, a fim de proteger o corpo do ente querido, para que este se mantenha conservado por mais tempo após o óbito, sem que venha apresentar extravasamento de líquidos ou exalar odores fétidos durante o ritual fúnebre.

Mostrou-se evidente também o fato de que as famílias optam por realizar tal procedimento porque há a preocupação com relação à despedida e o velamento do ente, que deve ser participado por todos os parentes, incluindo os que residem mais distantes.

Enfim, quando as famílias decidem-se por realizar tal prática, vislumbram o desejo de conservação do corpo da pessoa por mais tempo, para que o velório seja realizado com tranqüilidade e quando no caso de algum acometimento físico traumático, vislumbram obter uma imagem muito próxima do que o ente era em vida, realizando a tanatopraxia com o intuito de prestar uma última homenagem ao falecido.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- _____. **O homem diante da morte**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BAYARD J. P. **Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?** Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.
- BALLONE, G.J. **Lidando com a Morte** - in. PsiqWeb Psiquiatria Geral, Internet, 2002 - disponível em <<http://sites.uol.com.br/gballone/voce/postrama.html>>. Acesso em: 15/10/10.
- BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 13, n.1, p.99-104, 2005.
- BRETAS, J.R.S.; OLIVEIRA, J.R.; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. **Rev. esc. enferm. USP**, v.40, n. 4, p. 477-483, 2006.
- COMBINATO, D.S.; QUEIRÓZ, M.S. Morte: uma visão psicossocial. **Estud. Psicol. (Natal)**, v. 11, n.2, p.209-216, 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1994.
- LOUZETTE, F. L.; GATTI, A. L. **Luto na infância e as suas conseqüências no desenvolvimento psicológico**. Rev. Iniciação Científica. nº 1. Ano I. Ago. 2007. 77-79. Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revistaic/pag77_edi01.pdf. Acesso em 12 mai, 2011.
- MELO, R.M. A. J. **A morte, os defuntos e os rituais de “limpeza” no pós-guerra angolano: quais os caminhos para pôr termo ao luto?** Bolsista de Pós-Doutoramento da Fundação Ciência e Tecnologia – Lisboa. Afro-Ásia [em línea] 2008, [citado 2010-10-25]. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=77013085007>. Acesso em: 13 out 2010.
- MOREIRA, A. C.; LISBOA, M. T. L. A Morte - Entre o Público e o Privado: reflexões para a prática profissional de enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**. vol.14,n.3, p.447-454, 2006.
- NALETTO, A. L.; OLIVEIRA, L. F. **Qual é o papel do cemitério e do funeral no processo de luto?** . São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.centromaieutica.com.br/>. Acesso em 29 mai 2011.
- POLATO, A. P.; **Traumas da Morte**. Categoria: Espiritualidade e Campo Psi. Publicado por Ana Paula Polato [anapolato] em 21/3/09. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br>. Acesso em 20 out 10.
- REZENDE, A. L. M. et al. **Ritos de morte na lembrança de velhos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- SCHEVE, T. **Morte humana e decomposição, 2008**. Disponível em: <http://pessoas.hsw.uol.com.br/fazenda-de-cadaveres.htm>. Acesso em: 29 mai 2011.
- TAVARES, E. C. A criança, o pediatra e a morte. In: D’ASSUMPÇÃO, E. A. (org.). **Biotanatologia e bioética**. São Paulo: Paulinas, 2005.